

# Nas pegadas de um gênero - "Não temas!" na tradição da Guerra Santa \*

Dr. Nelson Kirst

## I. Introdução: "Não temas!" no Antigo Testamento

### A. Observações preliminares

"Não temas!" — eis uma expressão com que todos deparamos com certa freqüência na leitura do Antigo e do Nôvo Testamento. Conhecemo-la de textos como: "Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu" (Is 43,1) ou, do Nôvo Testamento, "Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus" (Lc 1,30). É tão amplo o emprêgo desta expressão, não só no Antigo e no Nôvo Testamento mas também em textos orientais extra-israelitas, que compensa uma investigação mais detalhada. Na presente exposição, examinaremos em breves traços o uso de "Não temas!" em todo o Antigo Testamento, para em seguida dedicarmo-nos com mais atenção ao seu emprêgo na tradição da Guerra Santa, onde apresenta características bem particulares.

No Antigo Testamento, a intenção de um "Não temas!" é geralmente afastar o temor, alentar, estimular, incentivar. Nesse sentido empregaremos a partir de agora, para simplificar a exposição, o termo "incentivo" para designar o dito "Não temas!". Êste dito, que aparece 70 vêzes no Antigo Testamento, distribuído de maneira mais ou menos representativa através dos mais variados complexos literários,<sup>1</sup> raríssimas vêzes se apresenta como uma fórmula pura e simples. Na esmagadora maioria dos casos,

---

1 Gn 15,1b; 21,7a"-18; 26,24; 35,17b; 43,23a; 46,3-4; 50,19-21a; Ex 14,13-14; 20,20; Nm 14,9; Dt 1,21b". 29b-31; 3,2 (Nm 21,34). 22; 7,18-19; 20,1a"b. 3b-4; 31,6. 8; Js 8,1-2; 10,8. 25a"b; 11,6; Jz 4,18a; 6,23; I Sm 4,20a"; 12,20-22; 22,23; 23,17; 28,13a; II Sm 9,7; 13,28; I Rs 17,13-14; II Rs 1,15a"; 6,16; 19,6b-7 (Is 37 6b-7); Is 7,4-9; 10,24a"-27a; 35,4a"b; 40,9; 41,8-13. 14-16; 43, 1b-4. 5-7; 44,2b-5; 51,7b-8; 54,4-6; Jr 1,8; 10,5b; 30,10-11 (46,27-28); 40,9a"b (II Rs 25,24a"b); 42,11-12; Ez 2,6; 3,9b; Jl 2,21. 22; Sf 3,16a""; 18a'; Ag 2. 4-5; Zc 8,9-13. 14-15; Sl 49,17-18; Rt 3,11; Lm 3,57b; Dn 10,12. 19a; Ne 4,8a"b; I Cr 22,13b; 28,20; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a.

---

\* Preleção de estréia do catedrático de Antigo Testamento na Faculdade de Teologia, 2º semestre de 1970.

a fórmula de incentivo, "Não temas!", se encontra incorporada a uma unidade maior, bem definida e estruturada, composta de elementos bem determinados, que de uma forma ou de outra se encontram relacionados a ela. É esta unidade maior, com toda sua estrutura, que temos em mente, ao falarmos do incentivo.

A estrutura das unidades de incentivo varia muito. Apesar desta sua grande variação, porém, há uma estrutura básica, que é fundamental para qualquer unidade de incentivo: fórmula de incentivo — ("ki") — fundamentação. Onde não houver esta estrutura, não se pode falar de uma unidade de incentivo. Exemplos desta estrutura básica: II Rs 6,16 ou, sem "ki", Gn 43,23a.

Esta estrutura básica pode ser ampliada em diversos sentidos, pelo acréscimo de outros elementos. Um dos mais frequentes é o "objeto", que geralmente se segue à fórmula de incentivo e indica o motivo, a fonte do temor. Exemplo: Dt 3,22. Outro elemento que se apresenta com certa frequência é a "combinação". Trata-se, aqui, de verbos com um sentido paralelo ao de "ir", que são combinados com a fórmula "Não temas!", com o intuito de enfatizá-la. Exemplo: II Cr 32,7-8a. Um elemento bem menos frequente é a "interpelação". Ela geralmente ocorre em ligação estreita com a fórmula de incentivo e designa os interpelados pelo nome ou por outra caracterização qualquer. Exemplo: Gn 15,1b. Em quase um quarto das unidades é adicionada uma "ordem" ao incentivo. Exemplo: Ne 4,8a 'b. Finalmente há ainda diversos elementos secundários e de menor importância, que por vezes se mesclam com a unidade, tais como: alusões à situação, estímulos, argumentos etc.

Como veremos a seguir, não há um emprêgo determinado e uniforme do incentivo "Não temas!", no Antigo Testamento. O que se nos apresenta é um uso variado em diversos setores e tradições da vida veto-testamentária. É isso o que examinaremos rapidamente, a seguir, antes de entrarmos no estudo do incentivo na tradição da Guerra Santa.

### B. "Não temas!" na vida cotidiana

Em onze dos 70 textos verificamos um emprêgo profano e cotidiano do incentivo "Não temas!": Gn 35,17b; 43,23a; 50,19-21a; Jz 4,18a; I Sm 4,20a ''; 22,23; 23,17; 28,13a; II Sm 9,7; 13,28; Rt 3,11. Um exame cuidadoso desses textos leva ao seguinte resultado:

O Antigo Testamento testemunha que, na época compreendida aproximadamente entre os séculos X e VIII (provavelmente, porém, entre os séculos XII e VI), o incentivo "Não temas!" era proferido em determinadas situações cotidianas da vida israelita. Trata-se de dois tipos de situação:

- a) Se, por qualquer motivo, se alterava a relação entre duas

pessoas (ou um grupo e uma pessoa), de modo que a parte mais fraca tivesse motivos de temer a mais forte, podia esta, através de um incentivo, tirar o medo ao mais fraco e restabelecer com isso a relação alterada. Na fundamentação desses incentivos, o seu autor alude a si próprio, especialmente à sua boa-vontade, à sua atitude benevolente. Os textos: Gn 43,23a; 50,19-21a; I Sm 28,13a; II Sm 9,7; Rt 3,11.

b) Se uma pessoa ou um grupo se encontrava numa situação, em que temia uma terceira instância, podia outra pessoa falar-lhe na forma de um incentivo. Se o autor do incentivo não tinha possibilidades de desviar o fator atemorizante, o seu incentivo significava apenas consôlo, encorajamento, mas não tinha poder de afastar o temor. Em outros casos, o incentivo era poderoso e significava realmente eliminação do medo. Isso acontecia quando o autor do incentivo apontava para uma instância mais poderosa ou para si próprio, caso estivesse em condições de desviar o perigo. Os textos: Gn 35,17b; Jz 4,18a; I Sm 4,20 a"; 22,23; 23,17; II Sm 13,28.

### C. "Não temas!" nas auto-manifestações de Javé

Sete textos representam este setor, no qual tratamos de incentivos proferidos diretamente a uma pessoa por Javé ou por seu mensageiro: Gn 15,1b; 21,17a''-18; 26,24; 46,3-4; Jz 6,23; Dn 10,12. 19a. Após um exame detalhado dos textos, constata-se aqui o seguinte:

O Antigo Testamento revela que se conhecia, em Israel, incentivos da boca de Javé ou de seu mensageiro, conforme se verifica em escritos, que vão desde a época de Davi e Salomão (provavelmente até desde o Período dos Juízes) até o séc. II. Se uma pessoa, que já se encontrava numa relação especial com Javé (patriarcas, Hagar, Gideão, Daniel) se encontrava numa situação de temor diante de uma terceira instância (perigo de vida do filho, emigração para o Egito) ou diante de Deus ou de seu mensageiro (Gideão e Daniel), podia ouvir o incentivo dito por Deus ou por seu mensageiro. No primeiro caso, o "Não temas!" significava eliminação do temor. No segundo caso, ele restabelecia a relação alterada entre homem e Deus.

### D. "Não temas!" na tradição profética

#### 1. Deuteroisaias

Dentre os profetas, Dti é o único que emprega o incentivo de maneira uniforme. Isso acontece nos seguintes oito textos: Is 40,9; 41,8-13. 14-16; 43,1b-4. 5-7; 44, 2b-5; 51,7b-8; 54,4-6. O exame desses incentivos leva-nos ao seguinte resultado:

Receptor dos incentivos de Dti é o povo israelita, que se encontra no exílio babilônico. Dti emprega o incentivo em textos que, pela sua estrutura e pelo seu conteúdo, são formulados de acordo com os oráculos de atendimento proferidos no âmbito do culto pelo sacerdote, em resposta à lamentação do indivíduo. Percebe-se que a fórmula de incentivo, "Não temas!", constitui um elemento essencial e imprescindível dos oráculos de atendimento conhecidos por Dti, que eram formulados na forma de uma unidade de incentivo.<sup>2</sup>

## 2. Os demais profetas

Entre os demais profetas, o incentivo aparece num total de 19 textos: I Rs 17,13-14; II Rs 1,15a''; 6,16; 19,6b-7 (Is 37, 6b-7); Is 7,4-9; 10,24a''-27a; 35,4a''b; Jr 1,8; 10,5b; 30,10-11 (46,27-28); 42,11-12; Ez 2,6; 3,9b; Jl 2,21.22; Sf 3,16a'''-18a'; Ag 2,4-5; Zc 8,9-13. 14-15. Alguns desses textos apresentam características formais e de conteúdo semelhantes às de Dti,<sup>3</sup> sem que, no entanto, se possa estabelecer um elo histórico-tradicional entre os mesmos. No mais, encontramos incentivos de toda espécie nos livros proféticos. Seu emprêgo é a tal ponto diferenciado e arbitário que não se pode estabelecer relação de espécie alguma entre eles. Os textos mencionados abrangem o período entre o séc. (IX) VIII e VI.<sup>4</sup>

## II. Avaliação geral

### A. Observações preliminares

No âmbito da tradição da Guerra Santa vamos encontrar um dos maiores grupos de incentivos do Antigo Testamento. Nada menos de 18 textos se apresentam neste setor: Ex 14,13-14; Nm 14,9; Dt 1,21b''. 29b-31; 3,2 (Nm 21,34). 22; 7,18-19; 20,1a''b. 3b-4; 31,6. 8; Js 8,1-2; 10,8. 25a''b; 11,6; Ne 4,8a''b; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a.

- 2 Cumpre salientar, porém, que o mesmo não é válido para o oráculo de atendimento em geral, encontrado no AT, pois a maior parte de tais oráculos fora de Dti (Jr 15,19-21; Sl 12,6; 60,8-10; (cf 85,9-14); 91,14-16) não apresenta a fórmula de incentivo. Assim sendo, o "Não temas!" deve ser encarado como terminus technicus dos oráculos de atendimento de Dti, não, porém, deste gênero no todo do AT.
- 3 II Rs 19,6b-7 (Is 37,6b-7); Is 10,24a''-27a; Jr 20,10-11 (46,27-28); Is 35,4a''b e Sf 3,16a'''-18a'.
- 4 Além dos textos mencionados até aqui, mais os que pertencem à tradição da Guerra Santa, existem outros sete, que não podem ser enquadrados em nenhum dos setores mencionados. São eles: Ex 20,20; I Sm 12,20-22; Jr 40,9a''b (II Rs 25,24a''b); Sl 49,17-18; Lm 3,57b; I Cr 22,13b; 28,20. Por carecerem de maior relevância podemos ignorá-los no breve espaço deste artigo.

Há um fator decisivo, que destaca os incentivos da tradição da Guerra Santa e os faz sobressair dentre todos os demais: é a sua grande uniformidade, no tocante à situação em que são empregados, à sua forma e à sua terminologia e conteúdo. Esta uniformidade permite-nos tirar conclusões, para as quais não havia base suficiente nos outros setores. A seguir, empreenderemos uma avaliação geral dos incentivos acima mencionados, no tocante à sua situação, forma, terminologia e conteúdo. Esta avaliação se baseia num exame minucioso de cada um dos textos, que no entanto não pode ser exposto aqui.

### B. Situação

Ao examinarmos a situação desses incentivos, temos que procurar responder às seguintes perguntas: Em que circunstâncias foi dito o incentivo? Qual é a origem do temor? Quem é o autor do incentivo? Quem é o receptor do incentivo?

Em todos os incentivos mencionados, o temor se origina do conflito com o inimigo. Geralmente, trata-se de um conflito próximo, iminente, com um inimigo atacante ou um inimigo a ser atacado: Ex 14,13-14; Dt 3,2 (Nm 21,34); 20,1a''b. 3-4; Js 8,1-2; 10,8; 11,6; Ne 4,8a''b. No entanto, o incentivo também pode ocorrer no dia anterior ao conflito (II Cr 20,15b-17) ou com uma antecedência indefinida (Dt 7,18-19; Js 10,25a''b; II Cr 32,7-8a). Em seis textos, o "Não temas!" é proferido antes da Tomada da Terra, tendo em vista a invasão da terra cultivada. Nesses casos, o temor não procede do conflito imediato com um determinado inimigo, mas de um conflito em potencial, mais ou menos provável, com os habitantes da terra: Nm 14,9; Dt 1,21b''. 29b-31; 3,22; 31,6. 8.

Em Js 10,25a''b e Dt 3,22 deparamos com uma situação incomum. Estes incentivos são proferidos logo após uma vitória e o próximo conflito, ao qual se referem, se encontra num futuro distante e indefinido. Aqui trata-se, portanto, de "incentivos globais", que se apoiam na vitória recém obtida e se referem aos possíveis conflitos que ocorrerão no futuro.

São diversos os autores desses incentivos. O "Não temas!" pode ser proferido pelo próprio Javé — Dt 3,2 (Nm 21,34); Js 8,1-2; 10,8; 11,6 — ou outras pessoas dotadas de especial autoridade, como: Moisés — Ex 14,13-14; Dt 1,21b''. 29b-31; 3,22; 31,6. 8-, Josué — Nm 14,9, com Calebe; Js 10,25a''b-, o sacerdote — Dt 20, 1a''b. 3-4; II Cr 20, 15b-17, levita —, o pregador deuteronomico — Dt 7,18-19 —, Neemias — Ne 4,8a''b — ou o rei — II Cr 32,7-8a.

O receptor dos incentivos é, na maioria dos casos, o povo: Ex 14,13-14; Nm 14,9; Dt 1,21b''. 29b-31; 7,18-19; 20,1a''b. 3-4; 31,6; Ne 4,8a''b; II Cr 20,15b-17. Mas mesmo nos outros textos, em que uma pessoa ou um pequeno grupo de pessoas recebe o

incentivo, o povo é que vale implicitamente como receptor, já que a questão o atinge diretamente. Essas pessoas são sempre líderes ou representantes do povo: Moisés (Dt 3,2 (Nm 21,34)), Josué (Dt 3,22; 31,8; Js 8,1-2; 10,8; 11,6), oficiais militares (Js 10, 25a"b; II Cr 32,7-8a e Ne 4,8a"b).

Se tentarmos ir mais a fundo, para descobrir as condições mais específicas reinantes por ocasião da proclamação do "Não temas!", verificamos que os textos nos fornecem pouca informação. Na maioria dos casos tem-se a impressão de que os incentivos foram ditos de improviso, e não dentro de um esquema prestabelecido. Um tal esquema transparece em apenas três textos: em Ne 4,8a"b e II Cr 32,7-8a deparamos com uma assembléia do povo sem características especiais, e em II Cr 20,15b-17 temos uma cerimônia de lamentação do povo, bem organizada e estruturada, como moldura para o incentivo. Fora disso, os textos não proporcionam informação alguma.

### C. Forma

Examinando o contexto formal dos incentivos da Guerra Santa, percebemos que eles geralmente aparecem como unidades autônomas. No entanto, em oito dos 18 casos, o incentivo representa uma unidade dentro de uma alocação maior. Cinco desses incentivos pertencem à tradição da Tomada da Terra: Nm 14,9; Dt 1,21b"; 3,22; 31,6. 8. Os outros três são empregados como componentes de uma "alocação de guerra" deuteronomica: Dt 7, 18-19; 20,1a"b. 3-4. Se considerarmos que todos esses incentivos circundados por um discurso maior são empregados de modo ilegítimo,<sup>5</sup> chegamos à conclusão de que em sua forma original o incentivo na Guerra Santa sempre foi uma unidade autônoma.

A estrutura formal de todas essas 18 unidades é surpreendentemente uniforme. A estrutura básica aparece em 17 incentivos, o objeto em 13, a combinação em 9, a ordem em 5 e a interpelação em dois. Também a posição dos elementos dentro da estrutura quase não varia. Via de regra, o esquema formal do incentivo neste setor é o seguinte: fórmula de incentivo — combinação — objeto — "ki" — fundamentação — (ordem).

Apesar de sua rigidez, esta estrutura dá margem a uma certa liberdade. Esta liberdade se expressa especialmente nas fundamentações, que quase sempre são ampliadas das mais diversas maneiras. Na fundamentação, se lança mão de diversas concepções e expressões arraigadas na tradição da Guerra Santa, as quais são manipuladas e combinadas ao bel prazer. Exemplos de fundamentações amplificadas: Dt 20,3b-4; 31,6 e II Cr 32,7-8a. Exem-

5 Trata-se de textos que não pressupõem uma situação de guerra concreta, real, imediata, mas apenas possível (Tomada da Terra) ou hipotética ("alocação de guerra" deuteronomica).

plos de fundamentações especialmente breves: Dt 3,22 e Js 11,6. Os outros elementos, principalmente a ordem, também permitem uma certa variação.

É isso o que se pode dizer sôbre a estrutura formal.<sup>6</sup> É impressionante verificarmos como essa estrutura se manteve estável e inalterada durante pelo menos sete séculos, em escritos e documentos tão variados: J, "compilador",<sup>7</sup> Dt, P, Dtr, redação posterior de Dtr, Neemias e Cr. Sob êste ponto de vista — conservação da estrutura formal — o incentivo, tal como é empregado na tradição da Guerra Santa, dificilmente encontrará similar em qualquer dos gêneros do AT.

#### D. Terminologia e conteúdo

Mas a uniformidade dêsses incentivos não abrange apenas a situação e a forma. Ela se expressa também com tôda a evidência na terminologia empregada e nos pensamentos e concepções que se expressam através desta terminologia. O conteúdo do incentivo deve ser procurado nos elementos formais que chamamos de fundamentação e ordem, uma vez que os outros elementos não são mais que meras fórmulas, contendo um mínimo de variação. Há dez expressões, que se repetem constantemente nos incentivos:

- 1 — Javé é conosco (contigo) — Nm 14,9; Dt 20,1a''b. 3b-4; 31,6. 8; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a
- 2 — Javé pelejará por vós (ti) — Ex 14,13-14; Dt 1,29b-31; 3,22; 20,3b-4; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a
- 3 — Eu dou... na tua mão — Dt 3,2; Js 8,1-2; 10,8; 11,6
- 4 — Javé vai (diante de vós) convosco — Dt 1,29b-31; 20,3b-4; 31,6. 8
- 5 — Ações passadas de Javé são mencionadas como garantia — Dt 1,29b-31; 7,18-19; 20,1a''b; Is 10,25a''b; (Ne 4,8a''b)
- 6 — O "auxílio" de Javé — Ex 14,13-14; Dt 20,3b-4; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a
- 7 — a) assim Javé fará... — Dt 7,18-19; Js 10,25a''b  
b) faze(-lhe) como... — Dt 3,2 (Nm 21,34); Js 8,1-2

---

6 Nm 14,9; Dt 31,8; Js 8,1-2 e II Cr 20,15b-17 constituem exceções de pequena importância.

7 Nome dado por Noth, Das Buch Josua, HAT I/7, 2.<sup>a</sup> ed., Tübingen 1953, pág. 12s, ao autor da forma literária mais antiga do complexo que ainda se verifica principalmente em Js 5,1; 6,27; 9,3. 4a'; 10,2. 5. 40-42; 11,1. 2. 16-20.

8 — Atividade de Javé e passividade do povo, na luta — Ex 14, 13-14; II Cr 20,15b-17

9 — Ele não te deixará, nem te desampará — Dt 31,6. 8

10 — A sua proteção / a nossa proteção — conosco / com eles — Nm 14,9; II Cr 32,7-8a.

Com exceção de Dt 1,21b”, onde temos uma simples abreviação, todos os incentivos da Guerra Santa estão representados nesta relação. Isto significa que tôdas as unidades de incentivo neste setor contam com pelo menos uma, geralmente com duas até quatro dessas expressões relacionadas acima.

Essa uniformidade se torna ainda mais evidente se repararmos que só seis dos dezoito incentivos apresentam pequenas particularidades, que não se encontram nos demais.<sup>8</sup> A uniformidade do conteúdo é, portanto, não menos surpreendente que a uniformidade da estrutura formal.

Como vimos, a fundamentação desses incentivos se refere, em todos os casos, ao auxílio de Javé. Na grande maioria dos casos, isso significa auxílio militar. Intenção dos incentivos é afastar o temor dos receptores.

### III. O gênero do “incentivo de guerra”

#### A. Um gênero próprio

Depois da avaliação geral apresentada acima, não pode haver dúvida de que o incentivo empregado no âmbito da tradição da Guerra Santa representa um gênero próprio. Todos esses incentivos apresentam aquelas características que Gunkel<sup>9</sup> estabeleceu como essenciais para um gênero:

- a) atmosfera, pensamentos, conteúdo em comum: todos os incentivos procuram eliminar o temor diante do inimigo, apontando para o auxílio (militar) de Javé — não temer, mas confiar em Javé!
- b) linguagem formal comum: os incentivos apresentam, nos diversos elementos da estrutura, os quais se seguem numa seqüência bem definida, expressões, formulações, imagens etc. bem determinadas, que se repetem constantemente.

---

8 Trata-se de Ex 14,13-14; Nm 14,9; Js 8,1-2; 10,25a”b; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a.

9 Jesaja 33, eine prophetische Liturgie, ZAW NF 1, 1924, pág. 182s

- c) lugar vivencial comum: todos os incentivos pressupõem um conflito com inimigos e se referem ao temor diante desse conflito.

Com isso, está comprovada a existência de um gênero especial.

### B. O lugar vivencial atual

Não há dúvida de que o lugar vivencial sugerido por êsses incentivos na sua forma literária atual não pode ser o original. Como já vimos, todos êles pressupõem um conflito com inimigos e o temor correspondente. Mas, fora disso, há pouco em comum no tocante ao lugar vivencial. Há seis incentivos, no âmbito da Tomada da Terra, que se referem a um conflito em potencial, frente a um amigo indefinido. Há, por outro lado, incentivos pronunciados no momento em que ataca o inimigo. Em outros casos, Israel é o atacante. Um incentivo ocorre um dia antes da batalha; outros, a uma distância temporal indefinida da luta. Além destes, há os incentivos pronunciados logo após uma vitória e ainda aqueles que foram inseridos em "alocuições de guerra" deuteronômicas, nas quais o pregador apenas descreve uma situação bélica hipotética.

Percebe-se imediatamente que a diversidade das situações presupostas nesses incentivos não se coaduna com a rígida uniformidade formal, terminológica e de conteúdo dos mesmos. Assim sendo, torna-se evidente que originalmente o lugar vivencial desses incentivos deve ter sido diferente do que êste, que se apresenta na sua versão literária atual. Os incentivos em questão devem ter sido retirados de um lugar vivencial em que a) reinasse uma situação de guerra e b) os inimigos não fôssem uma grandeza em potencial, indeterminada, num futuro indefinido, mas um fator conhecido, concreto, real, determinado, a uma distância temporal previsível.

### C. O lugar vivencial original

Perguntamos, então: Onde é que podemos encontrar, na vida de Israel, um tal lugar vivencial, como o que postulamos acima? Os textos à nossa disposição oferecem-nos duas pistas, com cujo auxílio podemos aproximar-nos bastante de uma resposta. Estas duas pistas são: a) a idade dos incentivos e b) o seu conteúdo, ou seja, seus pensamentos, concepções, formulações e expressões.

Quanto à primeira pista: os incentivos mais antigos são de autoria de J (Êx 14,13-14) e do "compilador" (Js 10,8; 11,6), de modo que podemos fixá-los no séc. X e por volta de 900, respectivamente, ou até mais cedo. Assim sendo, o lugar vivencial desses incentivos deve ser procurado nessa época ou, mais provavelmente, ainda antes dela.

A suposição que começa a se impor com essa constatação torna-se uma certeza se examinarmos a segunda pista. Vemos então que não pode haver sombra de dúvida: o lugar vivencial desses incentivos só pode ser localizado no âmbito da Guerra Santa do antigo Israel. Basta compararmos a terminologia da Guerra Santa, pesquisada e apresentada por Gerhard von Rad<sup>10</sup> com a que expusemos acima, para que essa conclusão se imponha forçosamente. O conteúdo global desses incentivos é: “não temer, mas confiar em Javé”, ou, como diz von Rad, “nicht fürchten, sondern glauben”<sup>11</sup>. “Não temer”: isso é o que expressa a fórmula de incentivo com os elementos combinação e objeto. “Mas crer”: eis o resumo de tudo o que é dito nas fundamentações. Os incentivos conclamam a confiar, a crer no auxílio (militar) de Javé, do qual falam as fundamentações. Nesse tocante, von Rad afirma convincentemente: “Wo konnte denn anders dieses Glaubensmotiv seinen Sitz im Leben gehabt haben? Ursprünglich sicher nicht irgendwo im individuellen Leben, sondern in dem der Kollektivität, und das heisst im Kultus. Im Kultus aber nicht im Bereich der Feste, sondern im Bannkreis des geschichtlichen Waltens Jahwes; und das erfuhr das alte Israel allein in seinen heiligen Kriegen.”<sup>12</sup>

Se conseguirmos demonstrar que havia, no campo da Guerra Santa, um lugar em que se pudesse imaginar um tal incentivo, poderíamos fechar o arco da nossa argumentação. Um tal lugar existe, de fato, no âmbito da consulta que era feita a Javé, antes da batalha. O Antigo Testamento fala freqüentemente dessa consulta. Temos uma boa descrição desse ato em Nm 27,21. Aqui, o termo chave é “s' l”. Ele é empregado para a consulta a Javé antes de um confronto com inimigos, em Jz 1,1; 20,18. 23. 27; I Sm 14,37; 22,10. 13. 15; 23,2. 4; 28,6; 30,7s; II Sm 5,19. 23. Também I Sm 23,9-11 dá uma boa imagem dos acontecimentos durante uma tal consulta a Javé. Para o mesmo ato pode ser empregado também o verbo “drs”, que encontramos em I Rs 22,5. 8; II Rs 3,11; Is 31,1; Jr 21,2; II Cr 18,4. 7; cf Ez 20,1 e I Cr 10,14.

A importância da consulta a Javé, no âmbito da Guerra Santa, é ressaltada pelos dois pesquisadores, que escreveram os principais trabalhos neste setor, Gerhard von Rad<sup>13</sup> e Rudolf Smend<sup>14</sup>. É justamente no âmbito desta consulta que devemos procurar o lugar vivencial do nosso incentivo. É aqui que vamos encontrar os dois elementos, a) e b), postulados acima.

---

10 Der Heilige Krieg im alten Israel, 4.<sup>a</sup> ed., Göttingen 1965, principalmente pág. 7-10.

11 op cit pág. 31.

12 idem

13 op cit pág. 7.

14 Jahwekrieg und Stämmebund, Erwägungen zur ältesten Geschichte Israels, FRLANT 84, Göttingen 1963, pág. 27.

Lamentavelmente, torna-se muito difícil ir mais a fundo e tentar localizar o incentivo com maior precisão. A pergunta é a seguinte: Era o incentivo a resposta de Javé à consulta feita pelo sacerdote, antes da batalha? Ou era o incentivo proclamado pelo comandante militar aos guerreiros, com base na resposta anterior de Javé?

Se examinarmos os textos sob esse prisma, chegamos à seguinte conclusão: o material de que dispomos conhece tanto incentivos, que devem ser considerados como a decisão de Javé, comunicada pelo sacerdote, como também outros, que aparentam antes ser a alocução do comandante. Difícilmente se poderá negar que a decisão de Javé tenha tido a forma de um incentivo. Mas também não se pode negar que certas expressões serviriam mais numa alocução do comandante do que na decisão de Javé. Com base nessas observações, pode-se construir a seguinte suposição: seria imaginável que a decisão de Javé na boca do sacerdote tivesse a forma de um incentivo e fôsse dirigida ao comandante; e que o comandante, por sua vez, apanhasse esse incentivo e baseasse nele sua alocução de cunho encorajador. Eis uma suposição que, embora não possa ser provada, pode reivindicar um certo grau de probabilidade.

Podemos, então, resumir assim o resultado do estudo do incentivo "Não temas!" na tradição da Guerra Santa:

O Antigo Testamento contém, em escritos que vão do séc. X ao séc. III, incentivos que, pela estrutura, pela terminologia, pelo conteúdo e pela situação em que são empregados, devem remontar à Guerra Santa do antigo Israel, onde estavam localizados na resposta de Javé à consulta que lhe era feita, ou na alocução do comandante militar, que se baseava nesta resposta, ou em ambos. Esses incentivos formam um gênero próprio, que podemos chamar de "incentivo de guerra".

#### IV. *Uma hipótese histórico-tradicional*

Concluindo esta exposição, não podemos deixar de colocar a seguinte pergunta: Como é que esses "incentivos de guerra" oriundos da Guerra Santa, a qual deve ter cessado de existir o mais tardar na época de consolidação do reinado, se conservaram de maneira tão uniforme, através de tantos séculos? Essa pergunta só pode ter uma explicação plausível: os autores dos diversos escritos, onde deparamos com o "incentivo de guerra", devem ter tido à sua disposição qualquer tipo de documento escrito, que continha uma lista de tais incentivos oriundos da Guerra Santa. Não é possível que uma tradição oral os tivesse transmitido de maneira tão uniforme. Partindo de considerações

idênticas, porém no tocante a outro gênero, as "alocuições de guerra" do Deuteronômio, von Rad fala de "Formularen von Ansprachen"<sup>15</sup>. — O mesmo devemos pressupor também para os "incentivos de guerra".

Lamentavelmente, o breve espaço à nossa disposição não nos permite entrarmos mais a fundo na questão. Contentemo-nos em constatar o seguinte: um estudo histórico-tradicional dos diversos textos demonstra que nem Dt, nem P, nem Dtr, nem a redação posterior de Dtr, nem Neemias, nem Cr podem se ter baseado nos "incentivos de guerra" constantes dos escritos anteriores aos mesmos. Um exame comparativo dos "incentivos de guerra" mais recentes com os mais antigos demonstram claramente que êstes não podem ter servido de "matrizes" para aquêles. Forçosamente impõe-se a seguinte conclusão: incentivos do âmbito da Guerra Santa, exemplares do gênero que aqui denominamos "incentivo de guerra", foram passados adiante à posteridade em listas escritas; essas listas eram acessíveis aos diversos "autores", que aproveitavam os incentivos nos seus escritos, em diversas situações caraterizadas, de uma forma ou de outra, pelo conflito armado com inimigos.

Também esta hipótese, evidentemente, não passa de mera suposição. No entanto, ela tem muito de provável e, portanto, não podia deixar de ficar registrada, ao concluirmos esta jornada nas pegadas de um gênero: o "incentivo de guerra".

#### Literatura:

GUNKEL, Hermann, Jesaja 33, eine prophetische Liturgie, ZAW NF1, 1924, pág. 177-208.

NOTH, Martin, Das Buch Josua, HAT I/7, 2.<sup>a</sup> ed., Tübingen 1953.

RAD, Gerhard von, Der Heilige Krieg im alten Israel, 4.<sup>a</sup> ed., Göttingen 1965 idem, Deuteronomiumstudien, FRLANT NF 40, Göttingen 1947

SMEND, Rudolf, Jahwekrieg und Stämmebund, Erwägungen zur ältesten Geschichte Israels, FRLANT 84, Göttingen 1963.